

INSTITUTO JUNGUIANO DE SANTA CATARINA – IJUSC

Este *paper* é apresentado à Diretoria de Ensino do IJUSC como pré-requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista Junguiana

Candidata: Jussara Veiga Silva Zardo *

Paper 2 – Florianópolis, 10 de agosto de 2021

A CULPA COMO UM CAMINHO PARA O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Quando falamos em *culpa*, estamos tomando a responsabilidade de algo para nós. Com maior ou menor intensidade, ela se revela sempre que afirmamos: eu não deveria sentir, fazer ou viver isto ou aquilo – tanto no presente, quanto no passado. Às vezes, a culpa não nos pertence e, mesmo assim, nos sentimos culpados; outras vezes, ela nos pertence e, por não estarmos em condições psicológicas e/ou emocionais de assumir tal responsabilidade, negamos este pertencimento. A culpa pode ainda ser direcionada a nós mesmos, a outra pessoa ou a um grupo de pessoas, estando sempre vinculada aos acontecimentos indesejados e intrinsecamente associada ao mal. Portanto, a culpa é um sentimento que reina em nossas vidas, traz sofrimento, e por isso, se apresenta no *setting* terapêutico com muita frequência.

Considerando que, a teoria junguiana nos apresenta uma visão prospectiva, construtiva-finalista, acreditamos que sempre existe um motivo, um *para que* de todas as experiências vividas. Portanto, o intuito deste ensaio é apresentar reflexões sobre a culpa, a partir da perspectiva mítica, de forma que possamos vislumbrar e até mesmo reconhecer um caminho que aponte em direção ao processo de individuação.

Cunha (2010, p. 194) define culpa como “‘conduta negligente ou imprudente’; ‘falta voluntária a uma obrigação, ou a um princípio ético’; ‘delito, crime’”. Esta definição por si só, nos leva à compreensão de que a culpa provém dos erros, dos fracassos. Pode tornar-se um obstáculo na vida do sujeito, impedindo-o de desfrutar do bem-estar que provém dos acertos, das conquistas, e da tão almejada felicidade. Então, por que erramos? Eis a questão! Recorremos a Hillman, que nos fala sobre a questão do *erro* e da *errância*. Segundo ele:

[...] A ‘fantasia da errância’ faz sua primeira aparição significativa em Platão (*Timeu* 47e-48e), onde temos dois princípios em oposição atuantes no universo: razão (*nous*) e necessidade (*anánkè*), também chamada de causa errante. [...] A razão não consegue trazer o princípio errante ou necessidade sob seu controle. (HILLMAN, 2010, p. 309).

Ainda em Hillman:

[...] Se esta causa errante, a necessidade, é o princípio nos erros, então consideremos o erro como necessário, um modo pelo qual a alma entra no mundo, um caminho onde a alma encontra verdades que não seriam encontradas pura e exclusivamente pela razão. A consciência psicológica surge dos erros, das coincidências, das indefinições; antes do caos que do controle inteligente. (HILLMAN, 2010, p. 310).

Esta frase – *A consciência psicológica surge dos erros* – nos chama atenção. Possibilita-nos traçar um paralelo com o mito cristão, uma vez que Adão e Eva transgrediram as regras comendo o fruto da árvore do conhecimento, e como consequência foram expulsos do Paraíso. Do ponto de vista psicológico, o Paraíso pode ser compreendido como um estágio anterior ao desenvolvimento da consciência. Aquisição da consciência representa a conquista da razão, a capacidade de discernimento entre os pares de opostos: bonito/feio, certo/errado, bem/mal etc.

A questão do bem e do mal, foi discutida por Jung sob o aspecto puramente *empírico*, aspecto este com o qual o terapeuta se defronta no dia a dia. De acordo com Jung:

[...] Quando falamos de bom e mau então falamos daquilo que uma pessoa chama de bom ou mau, que ela experimenta como bom ou mau. [...] Talvez a imagem que o falante tenha do mundo não corresponda aos fatos reais e o objetivo seja substituído por uma imagem subjetiva e interna. (JUNG, OC 10/3, § 858^a)

Então, um mesmo evento pode ser significativo para uma pessoa e totalmente indiferente para outra. O sentimento de culpa é particular, normalmente se manifesta como um *conteúdo psíquico consciente*, ou seja, a pessoa tem essa queixa, sofre por isso; ou, quando atribuí a culpa a outrem, se vitimiza e talvez queira vingar-se. Para machucar ainda mais essa *ferida*, existe um ditado popular que diz: *todo culpado merece castigo*! Sandoval nos emociona com suas palavras:

[...] seria o fracasso somente um vilão a roubar-nos a alegria de viver? Pensei que poderia haver algum interesse da vida nos sonhos despedaçados, nas ilusões perdidas, pois sem isso a vida me pareceria uma perversa armadilha. [...] Em busca de culpados me deparei com deuses, impulsos inconscientes, compulsões, excessos, vazios de alma, que em seu desatino encarceram outros deuses. [...] Tirar o fracasso e o fracassado das sombras em que estão enredados nessa sociedade nossa que busca 'sucesso a qualquer preço' é trabalho, é forja de caráter, aprofundamento de consciência, é construção de um eu capaz de perceber que talvez ganhar não seja tudo. A vida não é tão simples assim! Seu real encanto reside justamente em sua complexidade. (SANDOVAL, 2017, p. 21-23).

O trabalho de *aprofundamento de consciência* citado, acontece através do *processo de individuação*, que pode se dar, entre outras formas, a partir do processo analítico, onde se propõe um diálogo entre os conteúdos inconscientes e conscientes, promovendo a integração dos opostos e conseqüentemente, o equilíbrio da psique. Pois “[...] a psique, quando perde o equilíbrio, não somente perturba a ordem natural, mas destrói a própria criação”. (JUNG, OC 8/2 § 428). O *processo de individuação* amplia nossa consciência, nos liberta de nossas verdades, possibilita a aceitação de si, com todas as dificuldades e facilidades, luzes e sombras, erros e acertos – busca a totalidade, uma vez que a unilateralidade é o que nos leva à neurose. Para Jung:

A Psicologia culmina necessariamente no processo de desenvolvimento que é peculiar à psique e consiste na integração dos conteúdos capazes de se tornarem conscientes. [...] Quando as partes inconscientes da personalidade se tornam conscientes, produz-se não só uma assimilação delas à personalidade do eu, anteriormente existente, como sobretudo uma transformação desta última. (JUNG, OC 8/2 § 430)

Poderíamos abordar a questão da culpa, sob várias perspectivas; mas isto ultrapassaria a proposta deste trabalho; então, optamos por descrevê-la sob a ótica mitológica. Segundo Baudelaire (p. 43) “[...] O mito é o poema primitivo e anônimo do povo, e nós o encontramos em todas as épocas retomado, remanejado sem cessar, mais uma vez, pelos grandes poetas dos períodos cultos”. Os mitos nos oferecem caminhos para compreensão das experiências humanas. Neste ensaio, elegemos o Mito de Pandora [em anexo (Brandão, p. 167), que pode ser visto como uma representação metafórica, simbólica e arquetípica da culpa e dos males que experienciamos neste mundo.

Assim como no mito cristão, neste mito grego a humanidade também vivia feliz, até Prometeu roubar o fogo de Zeus, que de propósito, enviou Pandora ao mundo, ofertando-lhe um presente e ao mesmo tempo ordenando-lhe a não abrir o vaso, ou a caixa, que continha todos os males e todas as virtudes, sabendo que ela abriria. Pandora muitas vezes é vista de forma estereotipada – de que *toda mulher gosta de mexer onde não deve*, mas não é essa a questão. É da natureza humana *correr atrás do sim toda vez que ouve não*; da mesma forma que, quando alguém nos diz sim, e aquele sim não é importante para nós, temos a opção do não.

Podemos desconstruir a ideia de que a Pandora é culpada, adquirir a compreensão de que, ela fez um bem para a humanidade e não um mal. Pois, quando

abriu a caixa, ela deu à humanidade o *livre arbítrio*. Virtude é algo inerente, individual; e neste mito, a *esperança* é a virtude principal e a mais importante. A felicidade também escapa da caixa de Pandora, mas esta é uma ideia utópica, ninguém é feliz o tempo todo – a felicidade aparece e desaparece, simples assim. O problema atualmente é que, vivemos uma política imediatista, de eliminação do sofrimento, da suposta busca da felicidade eterna, que não existe. O sofrimento do mundo gira em torno da culpa e da felicidade. A vida também é composta por tragédias, no sentido de vivermos coisas ruins, e quando isso acontece, sentimos que a felicidade não está ao nosso alcance.

A ideia que a maioria das pessoas têm é que vão à terapia para eliminar de vez o sofrimento e para alcançar a felicidade. E não é isso. A terapia nos ensina administrar o sofrimento e ouvir a felicidade. Precisamos entender o sofrimento para continuarmos adiante. Nossa vida é uma eterna busca, estamos sempre buscando e essa busca tem um propósito e um significado. Infelizmente, amadurecemos pelo sofrimento, não amadurecemos pela felicidade – ela é sempre nossa recompensa. A felicidade sempre é aquilo que consideramos de mais relevante, de mais importante, é a questão do viver. Pandora representa o viver que as pessoas buscam obsessivamente; esta busca obsessiva é que nos adoece, e aí sentimos culpa por essa busca obsessiva. Outro ponto importante é que, vamos passar por estes males. Já vivemos ou vamos viver os males; em algum momento eles vão aparecer em nossas vidas, mas irão passar e vamos aprender com eles, crescer individualmente.

Pandora foi astuta em fechar a caixa a tempo de deixar a esperança dentro – isso lê-se nas entrelinhas, porque trata-se de uma inteligência implícita, não é uma inteligência explícita. Pandora tem a lábia que vem com todo encanto da Afrodite, é a fala amorosa, sedutora, do convencimento. E todos os atributos da Pandora, nós também possuímos e podemos ativar, minimizando as culpas que o mundo nos apresenta. Pandora pode ser justamente aquele aspecto de regeneração psíquica. Então Zeus criou naquela forma perfeita um malefício, e assim, Pandora, na perfeição dela tornou-se um mal. Essa é a ideia mitológica. Pandora é um mal, por isso é considerada a culpada dos males do mundo. Porém, assim como nós, ela carrega o bem e o mal. Podemos reconhecer a Pandora que traz o bem, e não só o mal.

Pandora significa *a que possui todos os dons*. Todos os dons nós possuímos, mas não ativamos. Só iremos ativar nossos dons a partir das realidades que vivemos, a partir do nosso contexto individual e do contexto coletivo. Estes dons estão

potencialmente dentro da *nostra caixa*. A grande questão é que, quando abrimos a caixa para buscar um desses dons saem outros dons e males. E assim vivemos rememorando o eterno mito da Pandora.

Cada um dos imortais deu à donzela algum presente maléfico para a humanidade – aqui está o papel divinatório – eu te dou o mal para você achar o bem. Toda leitura que fazemos do mito tem muito eco. A leitura junguiana nos leva a crer que *por trás de todo o mal existe um bem!* Um único dom benéfico estava escondido no fundo da caixa, a *esperança*. Ela está no fundo da caixa, por ser a *última que morre*, mantemos nosso fio de esperança até o último minuto, ela não se esgota. A esperança é o sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que deseja. É a confiança em coisa boa. Não temos esperança de coisa ruim, só de coisa boa. É a fé. A fé é aquilo que acreditamos ser possível realizar. Mas só a pessoa pode dizer o que é possível realizar – nem o psicoterapeuta, na sua condição, pode dizer o que o outro é capaz de realizar. O paciente pode buscar, e o psicoterapeuta pode ajudá-lo nessa busca, mas ele nunca conseguirá fazer com que o paciente tenha esperança.

A esperança é algo interno. As pessoas que dizem não ter esperança é porque esta virtude está subdesenvolvida, reprimida, oculta; aí o psicoterapeuta pode tirar da condição de oculta, pode mostrar, mas não pode dizer o que é a esperança da pessoa. Por isso a esperança restou dentro da caixa, permaneceu, como um presente – o presente que não se perdeu. Quando Pandora abre a caixa, ela perde todos os presentes – o único que permaneceu foi a esperança. Existem pessoas que sonham, mas não correm atrás dos sonhos, porque a esperança está fraca. E quando a esperança está fraca, significa que está sem energia, por isso precisamos manter a esperança. Ela não foi perdida, a esperança existe em todos nós. *Achar a esperança significa iniciar uma jornada*. Pode também existir outros males que ofuscam a esperança. A esperança é aquela que vai nos dar a força necessária para lidar com todos os males liberados pela caixa de Pandora.

Os males do mundo sempre aparecem de forma desproporcional dentro de nós, porque não os reconhecemos como sendo algo nosso. Quando aparecem na psique estão sempre associados a alguma questão arquetípica, por isso manifestam-se em forma de complexo – por exemplo, existem pessoas que se queixam porque são boas demais, compreendem que, são consideradas trouxas, condição esta que pode ser representada pelo complexo do bode expiatório – este é o complexo do trouxa, muito ligado à questão da sombra, que é a primeira coisa a ser enfrentada e reconhecida,

por ser justamente os aspectos pessoais que rejeitamos em nós. E se rejeitamos em nós, rejeitamos nos outros. Como viver em um mundo que rejeitamos? Só nos aceitando, aceitaremos o mundo, assim o mundo não será tão pesado, e as culpas que ele nos traz não serão tão penosas. Desta forma, a culpa vai sendo redimida, relativizada, ressignificada e até mesmo transformada. A individuação é um processo de escolha, a pessoa tem que desejar se libertar do sofrimento.

Jung postula que “individuação e coletividade são um par de opostos, dois destinos divergentes. Encontram-se numa relação mútua de culpa”. (JUNG, OC 18/2 § 1099). Considerando que nascemos em um tempo e lugar específicos, e que recebemos influências da nossa família de origem, da sociedade e da cultura em que vivemos; para sermos aceitos, adotamos uma *persona* – por um lado, necessária à nossa adaptação ao mundo; por outro, isto pode fazer com que nossa verdadeira individualidade permaneça inconsciente. Segundo Jung:

A exigência da sociedade é a *imitação* ou a identificação consciente, isto é, um trilhar de caminhos aceitos e autorizados. [...] quem tiver permissão de se individualizar devido a aptidões especiais tem que suportar o desprezo da sociedade até que tenha produzido seu equivalente”. (JUNG, OC 18/2 § 1099).

Segundo Kast (2016), se individualizar significa descobrir quem realmente somos, perceber o que se adapta e descartar o que não nos serve; no entanto, podemos sempre descobrir aspectos nossos desconhecidos, que estão na *sombra* – arquétipo oposto a *persona*. Na maioria das vezes, o processo de tomada de consciência destes aspectos desconhecidos em nós, é desencadeado por conflitos, que promovem um embate com o mundo ao nosso redor. Esse confronto causa dor, sofrimento e conseqüentemente, sentimento de culpa, tanto à pessoa quanto à coletividade; ou seja, o mundo a sua volta. Porém, ao nos diferenciarmos do coletivo, somamos a ele e o transformamos.

Se a dor e o sofrimento causados pelo sentimento de culpa, tornam-se um vetor que nos conduz à reflexão, a uma busca para compreensão dos nossos erros ou falhas, com esperanças de transformação, de redenção, de obtenção da graça, do perdão; seguido pela busca de sentido da vida, podemos afirmar que teremos encontrado um caminho para individuação.

Muitas vezes falhamos, por inexperiência, por falta de orientação, por crenças pessoais ou coletivas, por buscar a perfeição, para atender as exigências externas ou internas. O aprendizado acontece no decorrer da vida, não nascemos prontos,

estamos sempre em construção, desde que sejamos flexíveis, que não fiquemos presos em verdades absolutas.

Diante do exposto, reconhecemos a sabedoria nas palavras do escritor João Ubaldo Ribeiro: *“A vida devia ser duas; uma para ensaiar, outra para levar a sério. Quando se aprende alguma coisa, está na hora de ir”*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDELAIRE, Charles, 1821-1867. **Richard Wagner e Tannhäuser em Paris / Charles Baudelaire**; seguido de cartas e textos sobre Richard Wagner; organização e tradução Eliane Marta Teixeira Lopes. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2013.

BRANDÃO, Junito de Souza, 1926-1995. Mitologia Grega, vol. I / Junito de Souza Brandão. 20. Ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

CUNHA, Antônio Geraldo da, 1924-1999. **Dicionário etimológico da língua portuguesa / Antônio Geraldo da Cunha**. – 4.ed. revista pela nova ortografia. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

HILLMAN, James. **Re-vendo a psicologia / James Hillman** ; tradução de Gustavo Barcellos. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2010. – (Coleção Reflexões Junguianas).

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique OC 8/2**. 6ª ed. – Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Civilização em transição OC 10/3**. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **A vida simbólica: escritos diversos OC 18/2**. 4. ed. – Petrópolis: Vozes, 2012.

KAST, Verena. **O caminho para si mesmo**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2016.

SANDOVAL, Elizabeth de Miranda. **Gangorra: uma imagem intrigante do fracasso / Elizabeth de Miranda Sandoval**. –1. Ed. – Curitiba: Appris, 2017.

* **Jussara Veiga Silva Zardo** é psicóloga clínica e candidata a Analista Junguiana pelo Instituto de Psicologia Analítica de Santa Catarina (IJUSC). Graduada pela Universidade de São Paulo (UNIP) e especialista em Psicologia Analítica pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL).

E-mail: jussara.veiga@hotmail.com / jussaraveiga.psi@gmail.com

ANEXO

Zeus te ocultou a vida no dia em que, com a alma em fúria, se viu ludibriado por Prometeu de pensamentos velhacos. Desde então ele preparou para os homens tristes cuidados, privando-os do fogo.
(Trab., 47-50)

Novamente o filho de Jápeto entrou em ação: roubou uma centelha do fogo celeste, privilégio de Zeus, ocultou-a na haste de uma férula e a trouxe à terra, “reanimando” os homens. O Olímpico resolveu punir exemplarmente os homens e a seu benfeitor.

Contra os primeiros imaginou perdê-los para sempre por meio de uma mulher, a irresistível *Pandora*, de que se falará mais abaixo, e contra o segundo a punição foi tremenda. Consoante a *Teogonia* (521-534), Prometeu foi acorrentado com grilhões inextricáveis no meio de uma coluna. Uma águia enviada por Zeus lhe devorava durante o dia o fígado, que voltava a crescer à noite. [...].

Mito de Pandora

Para perder o homem, Zeus ordenou a seu filho Hefesto que modelasse uma mulher ideal, fascinante, semelhante às deusas imortais. *Pandora* é, no mito hesiódico, a primeira mulher modelada em argila e animada por Hefesto, que, para torná-la irresistível, teve a cooperação preciosa de todos os imortais. Atená ensinou-lhe a arte da tecelagem, adornou-a com a mais bela indumentária e ofereceu-lhe seu próprio cinto; Afrodite deu-lhe a beleza e insuflou-lhe o desejo indomável que atormenta os membros e os sentidos; Hermes, o mensageiro, encheu-lhe o coração de artimanhas, impudência, astúcia, ardis, fingimento e cinismo; as Graças divinas e a augusta Persuasão embelezaram-na com lindíssimos colares de ouro e as Horas coroaram-na de flores primaveris... Por fim, o mensageiro dos deuses concedeu-lhe o dom da palavra e chamou-a de Pandora¹¹⁷, porque são todos os habitantes do Olimpo que, com este presente, “presenteiam” os homens com a desgraça! Satisfeito com a cilada que armara contra os mortais, o pai dos deuses enviou Hermes com o “presente” a Epimeteu. Este se esquecera da recomendação de Prometeu de jamais receber um presente de Zeus, se desejasse livrar os homens de uma catástrofe. Epimeteu¹¹⁸, porém, aceitou-a, e quando o infortúnio o atingiu, foi que ele compreendeu... (Trab., 60-89).

A raça humana vivia tranquila, ao abrigo do mal, da fadiga e das doenças, mas quando Pandora, por curiosidade feminina, abriu a jarra de larga tampa, que trouxera do Olimpo, como presente de núpcias a Epimeteu, dela evolaram todas as calamidades e desgraças que até hoje atormentam os homens, Só a *esperança* permaneceu presa junto às bordas da jarra, porque Pandora recolocara rapidamente a tampa, *por desígnio de Zeus, detentor da égide, que amontoa as nuvens*. É assim, que, silenciosamente, porque Zeus lhes negou o dom da palavra, as calamidades, dia e noite, visitam os mortais...

Foi, pois, com Pandora¹¹⁹ que se iniciou a degradação da humanidade. Para explicá-la, Hesíodo introduz o mito das *Cinco Idades*. Desde o poeta extraiu uma dupla lição: mostra a Perses, mais uma vez, a necessidade do trabalho e aos “reis”, aos juízes, como e por que suas sentenças deveriam estar em consonância com a justiça. Daí a fórmula hesiódica:

Ouve a “dike”, a justiça, e não deixes crescer a “hybris”, o descomedimento. (Trab., 213)

117. Pandora provém, em grego, de *pân*, todo, e *dôron*, dom, presente, e significa “a detentora de todos os dons”, um presente de todos os deuses. Do ponto de vista religioso, Pandora é uma divindade da terra e da fecundidade. Como *Anesidora*, a que faz germinar, sair debaixo para cima, antigo epíteto de Deméter, é representada na arte figurativa “saindo da terra”, conforme o tema do *ánodos*, ação de sair de, própria das divindades ctônicas e agrárias.

118. Epimeteu, de *epí*, sobre, depois e (me-théus), ver, saber. Por oposição a Prometeu, que vê antes, Epimeteu vê depois. E viu!

119. É verdade que Hesíodo em algumas passagens de seus poemas não tem muita consideração pela mulher, mas não se pode objetivamente, como se tem feito, tachá-lo de *misógino*, isto é, de “odiar a mulher”. O que o poeta recomenda é o cuidado na escolha de uma boa esposa. Pandora, simbolizando todas as mulheres, é um *mal tão belo*, reverso de um bem. Flagelo terrível instalado no meio dos mortais, mas *algo maravilhoso*, revestido pelos deuses de atrativos e de graça. Raça maldita, mas imprescindível ao homem... (Teog., 585-591).